



## NARRATIVAS HISTÓRICAS CONTADAS POR MORFOLOGIAS URBANAS ESPONTÂNEAS

**HERSEN MONTEIRO, Teresa**

Doutoranda IPPUR, UFRJ.

Coordenadora e Docente no Centro Universitário Estácio de Brasília – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

Integrante do grupo de pesquisa Laboratório do Escândalo Urbano, IPPUR – CNPq.  
teresahersen@gmail.com

### RESUMO

Os territórios autoconstruídos, na cidade do Rio de Janeiro, são historicamente percebidos por uma sobreposição de ausências estatais, como também muito culpabilizados pelas mazelas urbanas. Mazelas que ainda aparecem na mídia com um discurso que formou todo um imaginário social pautado na negação e rejeição de espaços favelados. Defende-se neste trabalho que as favelas podem ser percebidas através de outras questões - para além das ausências - por abrigarem diversas práticas culturais e sociais que ganham pouca importância na proposta homogeneizante neoliberal. A vivência social em morfologias urbanas de caráter orgânico, típico das favelas de encosta, se relacionam diretamente com a maneira que o território se consolidou, o que não é considerado pelos projetos urbanos que foram implementados nas últimas décadas. Não é possível tratar diferentes espaços urbanos baseados em uma única percepção, optou-se aqui por investigar o território da Favela do Salgueiro, onde há diversas festividades e práticas culturais que se relacionam com sua ocupação. Para que, através do entendimento das suas práticas e usos territoriais se possa compreender a peculiaridade do local, e então contribuir para projetos e políticas urbanas compatíveis com a realidade.

**Palavras-chave:** Imaginário urbano, autoconstrução, cidade, Rio de Janeiro.

### Abstract

*The self-constructed territories in the city of Rio de Janeiro are historically perceived as an overlapping of state absences, as well as very blamed for urban ills. These evils still appear in the media with a discourse that has formed a social imaginary based on the denial and rejection of favela spaces. This paper argues that the slums can be perceived through other issues - beyond absences - because they shelter several cultural and social practices that are given little importance in the neoliberal homogenizing proposal. The social living in urban morphologies of organic character, typical of the hillside slums, relate directly to the way the territory has been consolidated, which is not considered by the urban projects that have been implemented in the last decades. It is not possible to treat different urban spaces based on a single perception, here we chose to investigate the territory of Favela do Salgueiro, where there are several festivities and cultural practices that relate to its occupation. Through the understanding of its practices and territorial uses it is possible to understand the peculiarity of the place, and then contribute to urban projects and policies compatible with reality.*

**Keywords:** Urban imaginary, self-construction, city, Rio de Janeiro.

## INTRODUÇÃO

A rapidez do surgimento da informalidade – urbanismo de favela - gera também a construção de novas relações de vizinhança; convivência com culturas diversas; busca por água e outras tantas dificuldades que são enfrentadas pela população que se encontra na periferia da sociedade. Assim, quem pode consome a cidade formal, e para quem não pode restam outras maneiras de resistir e ocupar a cidade apesar de todas as tentativas de desmantelamento e enfraquecimento.

Se a política de remoções desconsiderava toda uma vida que estava imbricada com o território destruído, a nova política de intervenções com projetos urbanos nessas áreas de exclusão da cidade não levaram em consideração as especificidades locais, sobrepondo, a um tecido urbano espontâneo, as verdades aceitas pela parte da sociedade que detinha o saber técnico, mas não possuía o saber das vivências em outras formas de morar em cidade, diferentes daquelas que trouxemos em nossos planos vindos de projetos com referências exteriores.

Compreender a favela não é uma missão simples, apesar do objeto já ter sido vastamente investigado, acredita-se que o entendimento de seu traçado, ou seja, a morfologia da favela, é fundamental para a compreensão destas ocupações que recebem poucos olhares às vantagens que este tecido urbano apresenta. A favela não teria, então, mais a ensinar e expandir, do que a receber, na atual conjuntura urbana? Como poderíamos compreender tecidos de favela, ou de áreas informais, para além do que está ausente, e sim também pelos saberes e experiências que, pela necessidade, ali foram criadas?

A criação de todo um imaginário social sobre os corpos que se inserem nos territórios favelados fortalece e reafirma práticas colonizadoras. Defende-se, então, que a grande maioria dos projetos urbanos, ao não compreenderem a lógica de determinado território, desmantelam um funcionamento e acabam por enfraquecer atores e redes locais, seja pelo desejo de doutrinar e alienar, seja pela crença de uma única verdade em uma sociedade tão diversa.

Desta maneira, parte-se da hipótese que diversas questões peculiares a cada um dos territórios autoconstruídos se vinculam com essa morfologia, e que muitas das

qualidades só podem acontecer dentro de sua lógica libertária de ocupação dinâmica.

## **A CIDADE QUE VEMOS**

A concepção modernista de cidade, ainda muito presente nas nossas cidades, e nas propostas para as cidades, desconsidera toda a produção individual dentro de um coletivo social (Souza, 2010). O olhar técnico acredita e incentiva a produção para o homem padrão, como para um *modulor* de Le Corbusier (1953). O que nos mostra um planejamento voltado para uma percepção unicista da cidade, sem considerar a diversidade de cidadãos e de suas necessidades na vida urbana, o que acarreta a falta de uso dos espaços coletivos, como Jacobs (1961) já mostrava ao estudar seu bairro em Nova Iorque.

A produção da cidade neoliberal (Harvey, 2005) agrava ainda mais a segregação territorial das grandes e médias cidades brasileiras, colaborando diretamente na separação entre ricos e pobres. Dentro da lógica capitalista de cidade, os espaços públicos são reconhecidos cada vez mais como lugares inseguros, de medo, e que devem ser evitados, aumentando a enorme produção de condomínios fechados e outros espaços privados, verdadeiros enclaves fortificados (Caldeira, 2000) que tentam reproduzir funções das cidades.

Os projetos de urbanização para favelas levam consigo a proposta ortogonal da cidade neoliberal, aquela que vem de propostas autoritárias para atender aos interesses do mercado, e que transformaram o tecido urbano formal em uma mercadoria, a exemplo da Reforma Pereira Passos, o Plano Urbano de Lúcio Costa para a Barra da Tijuca, e outras tantas cidades que foram planejadas (para uma parcela da população). Esses projetos ao serem implementados sem profundo conhecimento de como funciona o cotidiano desta população põe em risco toda uma rede, muitas vezes, já consolidada com lazer, comércio, trabalho, solidariedade e outros.

No caso das favelas entendemos que ao não existir atuação do poder público a organização passa a ser feita por outro poder, e as vezes pelo próprio morador, que por necessidade de morar recorre à autoconstrução. Quando a questão da favela

passa a ser vista pelo poder público, a fala do Estado não tem valor sobre determinada população, e a partir daí começam os episódios de violência ou pressão, reforçando o pensamento de Maricato (1982): para a cidade ilegal não há plano nem projetos, pensamos verdadeiramente em uma ordem que esteja de acordo com os princípios modernistas e com a realidade burguesa, desconsiderando todo um histórico de construções locais.



Figura 1: Favela do Salgueiro, Tijuca, Zona Norte Rio de Janeiro. fonte: <http://blogjunho.com.br/lima-barreto-cronista-das-favelas-cariocas/> acesso em: 18/10/2020.

A pesquisa tem como objeto de estudo a morfologia urbana da Favela do Salgueiro. Iniciou-se no mestrado, no ano de 2012, quando se avaliou a expansão, conexão, e o reconhecimento da sociedade através das bordas entre favela, floresta e bairro. O principal elemento conector estudado foi a trilha. Esta via estreita, estruturada em redes, passou por transformações formais e funcionais ao longo do processo de ocupação do Morro do Salgueiro. Pudemos constatar, contudo, que as trilhas não estavam sendo plenamente aproveitadas pelos programas e projetos, sejam eles de caráter urbanístico ou não, implantados no local.

Analisou-se o ambiente natural e urbano no qual estas trilhas se inserem a partir de visitas técnicas e diálogos com a sociedade civil organizada local. A ausência de um traçado claramente delimitado conferiu a elaboração de bases cartográficas e iconográficas para melhor compreensão: das trilhas como elemento conector, da via de acesso à favela como elemento limite e ao mesmo tempo de expansão do bairro até a floresta. O que nos permitiu uma nova leitura da morfologia da Favela em

relação ao traçado da cidade. Tais trilhas, aqui definidas como *rizomáticas*, conectam a favela a outros pontos da cidade de forma imprevisível. Elas proporcionam uma vivência quase sempre diferenciada do espaço àqueles que fazem o percurso pela primeira vez, aos que são estranhos ao local ou àqueles que rapidamente se distraem e acabam por fazer um trajeto diferente do seu usual.

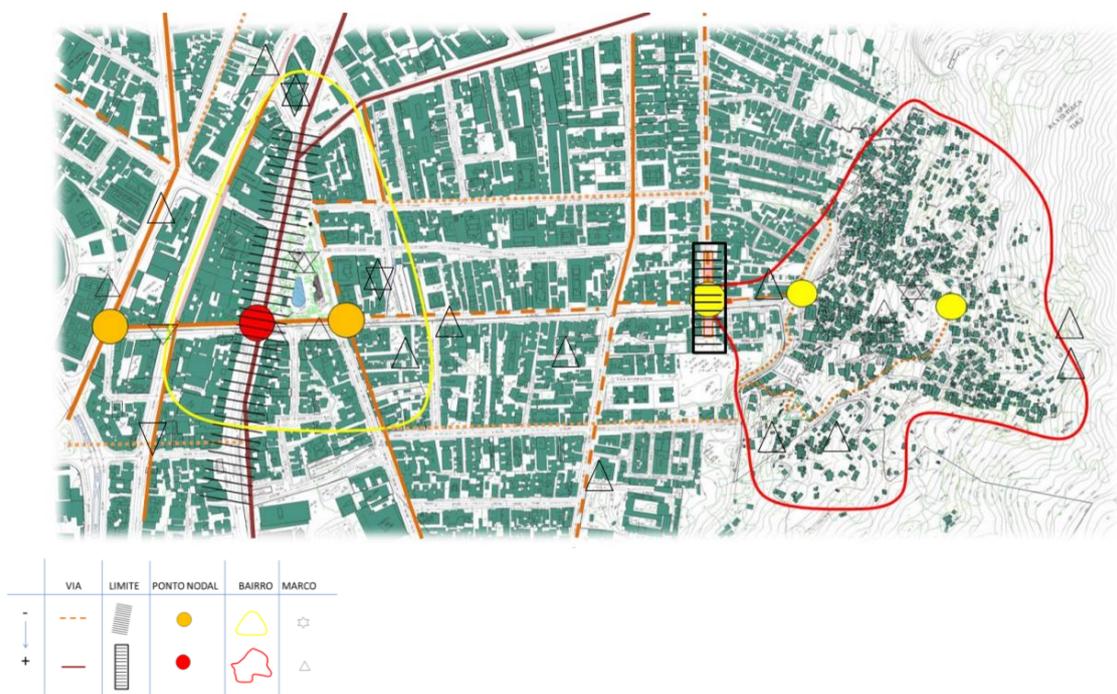


Figura 2: Mapa síntese produzido através da metodologia de Kevin Lynch. Fonte: Autora, 2014.

Ao analisar como diferentes pessoas entendem a imagem de parte da cidade percebeu-se que o território da Favela do Salgueiro não era visto pela multiplicidade que práticas que lá acontecem, as quais são possibilitadas pela morfologia do seu tecido urbano em forma de rizomas. Muitos dos moradores da R. General Roca e outros que utilizam o local, que é o principal acesso à Favela, nunca visitaram o lugar, mas têm formado em seu imaginário que se trata de um lugar violento, como foi verificado através de relatos.

Indo na direção da floresta, andar pela General Roca depois da Saens Pena era um tanto quanto uma aventura. Em razão da presença do Morro Salgueiro, quando eu andava por ali, me vi muitas vezes apreensiva de algo que poderia acontecer! Bala perdida, assalto, qualquer coisa violenta! Mas de fato nada aconteceu, nunca aconteceu! O medo era só medo! (PATRIZZIA CAPELETTI, 2012)

Eu não conheço o Salgueiro / Sempre tive medo / Vai que na hora que eu subisse a polícia entrasse. (FABIANA FREIRE, 2012)

Durante a pacificação parecia que o local poderia se tornar mais permeável, o que não se concretizou. As próprias trilhas que se ramificam como rizomas pela floresta tentaram usufruir de um modelo turístico, descaracterizando seu uso inicial de deslocamento para as favelas próximas e acesso ao lazer dos antigos moradores.

A ocupação das encostas cariocas é intrínseca à história desta cidade, a malha urbana formal se consolidou a partir da evolução de antigos caminhos e delimitações, que em algumas partes do tecido urbano são descaracterizados pela imposição de modelos urbanos disciplinadores (dos Santos, 1988). No caso da favela, a maneira de morar, e conseqüentemente de viver na cidade e em sociedade, não é socialmente aceito.

Além destas, outras apropriações do espaço foram acontecendo também através de projetos urbanos e habitacionais, que ocuparam o entorno da quadra esportiva, e que adotaram um modelo de cidade modernista, atribuindo afastamentos padrões entre as edificações e das edificações para a quadra, linguagem diferente da tipologia anterior (Fig. 03). Entende-se que ao receber propostas urbanas sem a real compreensão da lógica territorial que se vincula com o local, há um distanciamento da narrativa que foi construída, vinculando o território com práticas e lógicas de mercado.

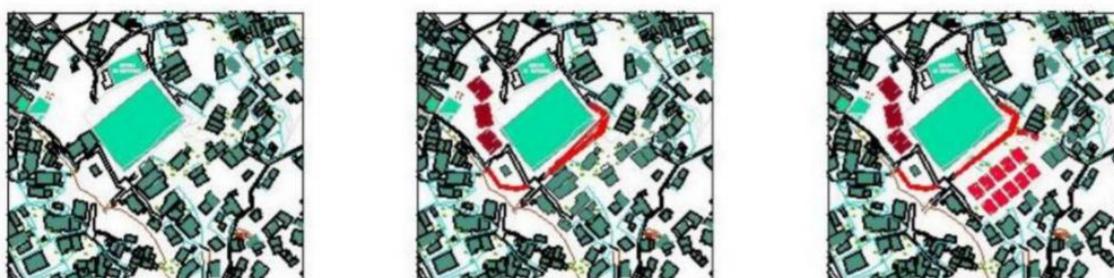


Figura 3: Intervenções Urbanas no entorno da quadra de esportes na Favela do Salgueiro. Fonte: Autora, 2014. 1. Entorno das quadras de esportes antes do programa Favela-Bairro; 2. Criação de novas vias e pequenos edifícios habitacionais, intervenções do programa Favela-Bairro; e 3. Habitações pelo programa Cimento Social.

A morfologia urbana da Favela do Salgueiro agrega valores que estão relacionados com a cultura do local, como é possível observar com a Folia de Reis, festividade que visita diversas favelas no mesmo dia. Este deslocamento acontece através dos caminhos que se estendem pelo traçado em forma de rizoma e ocupam as matas da Floresta da Tijuca, passando pelas quatro favelas da mesma cadeia montanhosa.

Práticas culturais que buscam resguardar a ancestralidade seguem acontecendo, inclusive com encontros remotos e transmissões online em tempos de pandemia, como é o caso do Quintas Poéticas e do Caxambu do Salgueiro.



Figura 4 - Posts de Eventos Culturais da Favela do Salgueiro em tempos de Pandemia. Fonte: Instagram Caxambu\_do\_Salgueiro. acesso em nov/2020.

Outras iniciativas aparecem com intuito de fortalecer as práticas ancestrais do Morro do Salgueiro, como o resgate dos saberes sobre uso de ervas com valores medicinais, todas as práticas mencionadas se vinculam com o território e com seu uso, o não reconhecimento dessas práticas pode alterar o uso e apropriação do espaço.



Figura 5: Divulgação do encontro de erveiros no Morro do Salgueiro. Fonte: Instagram Caxambu\_do\_Salgueiro, acesso em nov. 2020.

Apesar da importância do traçado para a experiência urbana do Salgueiro, inclusive por festividades culturais reconhecidas nacionalmente, as favelas continuam emoldurando um cenário de violência e precariedade, sem relacionar a prática cultural com a experiência desta morfologia urbana.



Figura 6: Favelas que se conectam por trilhas com a Favela do Salgueiro

O desejo é compreender a morfologia, mas não apenas pelo reconhecimento através da imagem que esta parte da cidade enseja e pela mobilidade, mas também com a hipótese que muitas questões – objetivas e subjetivas - se vinculam com essa morfologia. Para isso, propõe-se investigar a compreensão da lógica de produção da cidade contemporânea, como também a investigação das subjetividades nas intervenções e propostas para esta parte da cidade.

## **A CIDADE QUE PENSAMOS**

Dentre as múltiplas espacialidades que encontramos na cidade, a favela é uma das que está no cerne das problemáticas urbanas, especialmente quando se fala das favelas do Rio de Janeiro, metrópole que já recebeu inúmeros estudos, planos e projetos com grande visibilidade midiática. O território informal abriga corpos, culturas, saberes, estéticas, edifícios e traçado que são estigmatizados, culpabilizados por muitas das mazelas sociais e violados em seus direitos.

Todas as questões levantadas nos tópicos anteriores nos ajudaram a compreender como as favelas têm sido vistas, majoritariamente, nas últimas décadas. Mas onde se pretende chegar aqui é que apesar de já reconhecermos que a produção da cidade é extremamente desigual e que com o modelo de sociedade atual não há como acabar com o que já está consolidado, as práticas de intervenção nas favelas não parecem minimizar os impactos dessa desigualdade social a nível local.

Diversos autores já demonstraram que a atuação dos planejadores e projetistas urbanos, como de outros profissionais envolvidos com a gestão da cidade, percorria caminhos equivocados, a exemplo de Jacques (2001), dos Santos (1985) e Muxí e Montaner (2011), e é a partir das produções desses autores que se pretende avançar com a compreensão da temática sobre a morfologia de favelas.

A ocupação das encostas do Rio de Janeiro é intrínseca à história desta cidade, seja no âmbito social, econômico ou territorial. Muitas foram as propostas de urbanização e melhorias para as favelas cariocas, como também é um tema muito debatido por especialistas no meio acadêmico. E essas duas práticas: a projetual e a acadêmica parecem, por vezes, estarem dissociadas. Os autores mencionados no parágrafo anterior trouxeram questionamentos que se relacionam com as práticas dos

arquitetos e urbanistas, majoritariamente, estes pensamentos vão contribuir para a observação empírica da Favela do Salgueiro.

Dos Santos, em seu texto *Técnica e Favelas* (1978), traz à tona a alienação da população, que passa a aceitar o que é proposto pelos técnicos sem ter uma visão crítica e aprofundada dos impactos que as intervenções podem gerar, o que continua sendo uma questão real e que não pode ser desconsiderada. Acredita-se que no espaço que se propõe compreender através desta pesquisa, por já existir um grupo com lideranças comunitárias que prezam pelo resgate e manutenção da cultura local, os tópicos culturais já são um motivo de resistência contra a cultura homogeneizante, como também de valorização do patrimônio existente, o que contribuirá para que se abarque o território em suas especificidades.

Por mais que a marca das edificações das favelas seja a transitoriedade, por serem espaços que possuem uma dinâmica espacial própria, com rápida transformação daquilo que está construído, dificilmente os projetos urbanos refletem a transitoriedade. Essas alterações constantes no espaço da favela, representam também a realidade social que parte da nossa população urbana se encontra, com pouca ou nenhuma estabilidade, esta parte da população precisa resolver questões com urgência e muitas vezes por sobrevivência, sem tempo para esperas ou delongas para solucionar as questões que aparecem.

Jacques (2001) compreende a favela enquanto um espaço-movimento, onde quem usa e quem produz o espaço não pode estar desvinculado do próprio espaço, pensamento que corrobora com a ideia de dos Santos (1985) de que só se poderia chegar a um modelo à brasileira de desenho urbano caso este considerasse principalmente a transitoriedade, um dos principais elementos quando estamos nos referindo a informalidade do espaço autoconstruído. Também com o entendimento de que a percepção do espaço pelos usuários (moradores ou não) só se faz através da percepção dos valores que os mesmos reconhecem no lugar.

Não se pretende apenas aplicar uma metodologia existente, mas se debruçar sobre um território específico para compreender como a cultura, o uso e o vínculo dos moradores e usuários com pontos específicos do local podem contribuir para a formulação de projetos que resguardecam e respeitem práticas já consolidadas. Pretendo assim, acrescentar novas observações sobre a Favela do Salgueiro,

objetivas e subjetivas, e para isso investigarei as diversas apropriações e narrativas que se vinculam com o traçado urbano existente.

## **A CIDADE QUE QUEREMOS**

Montaner e Muxí (2011) debatem muitas das práticas profissionais dos arquitetos e urbanistas, ao passo que trazem a necessidade de se aceitar os territórios de informalidade, sem as tentativas de erradicá-los, ou com falas de que as favelas vão – ou devem - acabar, e deixam o desafio de aceitar territórios autorregulados: planejá-los, nutri-los e reforçá-los.

Apesar de todo o reconhecimento no que diz respeito ao entendimento da permanência destes espaços, observa-se que o recente tratamento da favela carioca enquanto patrimônio não corresponde à realidade, pelo contrário: investe-se em melhorias baseadas em cenários criados e estáticos, na tentativa de produzir um museu. Negando percursos que não são os tradicionais da própria cidade, estas características vão de encontro com a formação de espaços autorregulados, esta negação reforça a apreensão do contexto natural apenas como expansão e fuga, e não de vivências, como também contribui para a percepção de espaço excluído por parte dos cidadãos, que não reconhecem este tipo peculiar de traçado.

Para os moradores de áreas informais o que não é próprio – o que não é reconhecido - é o urbanismo que já está imposto como padrão para o resto da cidade - a parte dita 'formal'. Este não reconhecimento gera impasses e grandes dificuldades de conversa para implementação de um projeto de melhorias urbanas nas áreas informais, já que quase sempre estão pautados nos padrões aceitos como verdade por aqueles que estão no corpo técnico e teórico da formulação do projeto. Sem o questionamento de que a diversidade e a não padronagem podem - e devem - conviver de maneira harmônica dentro da mesma cidade, e até mesmo dentro do mesmo bairro.

Ao mesmo tempo que precisamos fortalecer o papel do estado em levar uma infraestrutura de qualidade para estes locais, é imprescindível que os técnicos que se envolvem com questões urbanas resguardem uma dinâmica urbana local, que muitas vezes se vincula com a construção informal e de transformação constante

destes espaços. Não permitindo que mais solos urbanos entrem na lógica da cidade-mercadoria, com alterações drásticas e não condizentes com a realidade local.

Em um debate contemporâneo sobre o urbanismo reconhece-se que nossas bases para um pensamento crítico sobre as cidades brasileiras (e as cidades de países do sul global) ainda é referenciado em literaturas produzidas no norte global. Países com contextos sociais tão diferentes seguem as mesmas bases para a formulação de políticas e intervenções. Esta seria mais uma maneira de trazer, impor, sobrepor, ou quem sabe convencer sobre um modelo urbano homogêneo e hegemônico para as nossas cidades, ou ainda, mais uma proposta vinda dos colonizadores.

Não se pretende negar nossa história de país colonizado, como se pudéssemos nos descolonizar, mas sim percorrer novos rumos que nos elucidem uma crítica, e então uma compreensão urbana, que venha do resgate ou mesmo da produção de autores nacionais ou de países que se assemelhem com nossa história ou práticas urbanas e culturais, países do sul global. O que se tem chamado de crítica ao pensamento colonial ou uma prática decolonial urbana.

A observação de um território favelado sob uma construção narrativa diferente das já existentes faz-se de suma importância para que se reconheça que além de uma grande diversidade de grupos, culturas, espaços, apropriações, coletivos, e tantos outros, um mesmo espaço urbano contém múltiplas camadas de leitura, isso significa que um mesmo espaço pode ser compreendido de formas muito variadas.

Desta maneira, na prática urbana os moradores e usuários locais são essenciais para que se possa incorporar nas intervenções e políticas urbanas os saberes comunitários, como também para uma compreensão mais plural do local onde se pretende intervir. Isso não quer dizer que o conhecimento profissional não seja necessário, este também se faz de extrema importância para elucidar questões técnicas como também para fortalecer a luta por diversos direitos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Muito se sabe sobre a enorme dificuldade de atuação que considere a diversidade e as peculiaridades existentes na cidade, apesar dos desafios algumas propostas

estão sendo construídas com intuito de defender práticas mais transversais, aquelas que tentam romper com a hierarquia dos saberes.

A produção de um espaço estigmatizado e excluído é parte da formação da sociedade capitalista, onde não é possível um olhar único para o que está edificado, mas principalmente para as diversas questões que se entrelaçam com a produção da cidade e que não estão claramente expostas.

Não se pretende desenvolver uma nova teoria urbana, passível de ser aplicada a qualquer ocupação de caráter informal, mas justamente o contrário. Entende-se a cidade justamente como o acontecimento de várias áreas de saber, lugar onde está tudo emaranhado. Propõe-se contribuir para a construção de um novo olhar para os tecidos urbanos de caráter espontâneo, e ao valorizar este tipo de produção, auxiliar-se-á para a produção de novas políticas e projetos urbanos que colaborem com o fortalecimento das diversidades urbanas.

Para tratar das questões expostas, este trabalho ainda precisa se aprofundar nas questões culturais que se entrelaçam com o território da Favela do Salgueiro: um tecido que resguarda a ancestralidade, como um reduto de resistência, que algumas lideranças intitulam de *Pequena África*. Muitas das festividades acontecem no espaço público e marcam um trajeto que se repete e se vincula não apenas com as vielas, mas também com as trilhas e outras expressões culturais acontecem pelo encontro em um ponto ou edificação determinada do território. Percebe-se então que há o agenciamento entre território e práticas culturais.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Helena Moreira. **Vivendo no fogo cruzado: moradores de favela, traficantes de drogas e violência policial no Rio de Janeiro**. 1 ed. – São Paulo: Ed. Unesp, 2013.

ARANTES, Otilia; VAINER, Carlos; MARICATO, Ermínia. **A cidade do Pensamento Único: Desmanchando Consensos**. 6a Edição. Editora Vozes, Petrópolis, RJ. 2011.

CALDEIRA, Teresa. **Cidade de Muros, Crime, Segregação e Cidadania em São Paulo**. Ed. 34. EdUSP, 2003.

DAVIS, Mike; et al. **Coronavírus e a luta de classes**. Ed. Terra sem Amos: Brasil, 2020.

DEBORD, Guy. **A Sociedade do Espetáculo**. Trad. Estela dos Santos Abreu, Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI Felix. **Mil Platôs – Capitalismo e Esquizofrenia 2** - Volume 01. 2ª edição. São Paulo Ed. 34: 2011.

FERREIRA, A., **A Cidade no Século XXI. Segregação e Banalização do Espaço**. Ed. Consequência. Rio de Janeiro, 2011.

HARVEY, David. **A Condição Pós-Moderna**, São Paulo, 2004.

\_\_\_\_\_. **O Direito à Cidade: A qualidade da vida urbana virou uma mercadoria. Há uma aura de liberdade de escolha de serviços, lazer e cultura – desde que se tenha dinheiro para pagar**. Revista Piauí. Ed. 82. Julho 2013.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida de Grandes Cidades**. Ed. Martins Fontes, São Paulo, 2003.

JACQUES, Paola. **Estética da Ginga. A arquitetura das Favelas através da Obra de Hélio Oiticica**. PPG-AU FAUFBA. Ed. Casa da Palavra, 2003.

JESUS, M., **Quarto de Despejo, Diário de Uma Favelada**. São Paulo. 1960.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. Ed. Martins Fontes, São Paulo, 1999.

MARICATO, Ermínia. **A Cidade Sustentável**. 9º CONSENTE. Rondônia, Porto Velho. 2011.

MONTANER, Josep Maria; MUXÍ, Zaida. **Arquitetura e Política – Ensaios para Mundos Alternativos**. Ed. Gustavo Gili, São Paulo, 2014.

NASCIMENTO, Bárbara. **De quarto de despejo a soluções sanitárias**. Portal Favelas – acesso em 14/04/2020 – 07:25

NOGUEIRA, Pedro C. E.; PORTINARI, Denise B. **Urbanismo tático e a cidade neoliberal**. Arcos Design. Rio de Janeiro: PPD ESDI - UERJ. Vol. 9 No 2 Dez 2016. pp. 177-188. Em: [http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/arcosdesign]

OLIVEIRA, Márcio, FERNANDES, Nelson (org.), **150 Anos de Subúrbio Carioca**. EdUFF, Rio de Janeiro. 2010.

PARK, Elza. **A Cidade: Sugestões Para Investigação do Comportamento Humano no Meio Urbano**. In Fenômeno Urbano. 2ª ed. Zahar Editores, Rio de Janeiro, 1973.

ROLNIK, Raquel. **Política urbana no Brasil. Esperança em meio ao caos?** Revista da ANTP, São Paulo, 2003.

SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão**. 7ª Ed. EdUSP, São Paulo, 2007.

Dos SANTOS, Carlos Nelson; Da SILVA, Maria Lais (org.); COSTA, Maria de Lourdes (org.). **Sementes Urbanas 1** – EdUFF, Niterói, 2017.

SIMMEL, George. **A natureza sociológica do conflito**. in Moraes Filho, Evaristo (org.), Simmel, São Paulo, Ática, 1983.

SILVA, Maria Laís Pereira da. **Favelas Cariocas: 1930 – 1964**. Contraponto Editora, Rio de Janeiro, 2005.

SOUZA, Marcos Felipe Sudré. **A festa e a cidade: experiência coletiva, poder e excedente no espaço urbano**. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013.

DE TOMMASI, Livia; VELAZCO, Dafne. **A produção de um novo regime discursivo sobre as favelas cariocas e as muitas faces do empreendedorismo de base comunitária**. in Revista Brasileira de Ciências Sociais, 2000.

VAZ, Paulo; CAVALCANTI, Mariana; CARVALHO, Carolina; OLIVEIRA, Luciana. **Pobreza e Risco: a imagem da favela no noticiário do crime**. in livro da Compós/2005: Narrativas Midiáticas

Contemporâneas/org. André Lemos, Christa Berger e Marinalva Barbosa. – Porto Alegre, Sulina. 2006.

\_\_\_\_\_. **A Invenção da Favela: do mito de origem a favela.** Editora FGV. Rio de Janeiro, 2011.

ZALUAR, Alba; ALVITO, Marcos. **Um século de favela.** Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1998.

Apresentadas no final e por ordem alfabética. Indicar todas as referências que foram citadas ao longo do artigo. Seguir as regras para elaboração de referências conforme normas da ABNT. Fonte Arial, corpo 10, alinhamento à esquerda, entrelinhas simples, espaçamento entre parágrafos (antes / depois): 6 pt. Incluir somente as referências citadas no texto, sejam elas bibliográficas, eletrônicas ou outra.

Seguem abaixo alguns modelos mais frequentes de referências:

ALVES, Castro. **Navio negroiro.** [S.I.]: Virtual Books, 2000. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/virtualbooks/freebook/port/Lport2/navionegroiro.htm>>. Acesso em: 10 jan. 2002..

BAILONA, Baltazar Agenor *et al.* **Análise de tensões em tubulações industriais:** para engenheiros e projetistas. Rio de Janeiro: LTC, 2006.

BRASIL. Decreto-lei nº 2.481, de 3 de outubro de 1988. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil:** Seção 1, Brasília, DF, v. 126, n. 190, p. 19291-19292, 4 out. 1988.

CASSOL, Glória Barbosa. Assessoria no Centro de Educação da UFSM: uma atividade dispensável?. In: SILVEIRA, Ada Cristina Machado da (Org.). **Práticas, identidade e memória:** 30 anos de Relações Públicas na UFSM. Santa Maria: FACOS-UFSM, 2003. p. 183-190.

CONJUNTURA ECONÔMICA. Rio de Janeiro: FGV, v. 38, n. 9, set. 1984.

FERREIRA, Paulo Henrique de Oliveira. O jornalismo on line. **Revista de Estudos de Jornalismo,** Campinas, v. 6, n. 1, p. 65-77, jan./jun. 2003.

JONACK, Marco Antônio; MURTA, Cristina Duarte. Limite de capacidade e proteção se servidores em redes gigabit. In: SIMPÓSIO BRASILEIRO DE REDES DE COMPUTADORES, 2006, Curitiba. **Anais...** Curitiba: Sociedade Brasileira de Computação, 2006. p. 179-194.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica:** guia para eficiência nos estudos. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

SILVA, M. M. L. Crimes da era digital. **Net,** Rio de Janeiro, nov. 1998. Seção Ponto de Vista. Disponível em: <<http://www.brazilnet.com.br/contexts/brasilrevistas.htm>>. Acesso em: 28 nov. 1998.

SILVA, R. N.; OLIVEIRA, R. Os limites pedagógicos do paradigma da qualidade total na educação. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFPE, 4., 1996, Recife. **Anais eletrônicos...** Recife: UFPE, 1996. Disponível em: <<http://www.propesq.ufpe.br/anais/anais/educ/ce04.htm>>. Acesso em: 21 jan. 1997.

SIMÕES, Carlos. **Curso de direito do serviço social.** São Paulo: Cortez, 2009. 1 CD-ROM.